

# UM PASSEIO – QUE SE QUER, SIM, TROCADO – POR ENTRE TANTAS HISTÓRIAS (QUASE) CONDENADAS AO ESQUECIMENTO. IDENTIDADES, AINDA, POR (RE)CONSTRUIR.

Alexandre Mate

Instituto de Artes – São Paulo – Unesp

**Resumo:** Na medida em que a memória é fundamental para a construção da identidade de si e do ser histórico-cultural, o texto em epígrafe apresenta uma série de articulações – a partir de fragmentos de obras literárias, poéticas e teatrais –, no sentido de sensibilizar pela arte ou propor a arte como (re)sensibilizador, tanto para provocar a memória (para além de apenas nós mesmos), como para problematizar certa ideológica e adormecida crença de que detemos autonomamente nossa identidade.

**Palavras-chave:** Arte e identidade, Teatro e identidade, Identidade e sensibilidade.

## I. ALGUMAS QUESTÕES PRELIMINARES E DESENVOLVIMENTO DO ASSUNTO

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir além. (FREIRE, 1996).

O Brasil, fruto da interessantíssima miscigenação ocorrida sem consentimento ou beneplácito do Estado, caracteriza-se como uma terra de grandes criadores. Mesmo com as avalanchas imperialistas, desde sempre (e hoje camufladas pela dita globalização), houve no Brasil resistência e produção artística nas mais diferenciadas regiões do País, em todas as linguagens, tanto cultura popular quanto de elite<sup>1</sup>, idênticas e diferenciadas entre as classes antagônicas. Talvez o problema maior quanto ao conhecimento do que vem sendo produzido e com relação à multiplicidade de criações e de criadores brasileiros, se deva, fundamentalmente, à falta de acesso ao que é produzido. Em certas fases da história, principalmente nas de alinhamento democrático, a cultura nacional caracterizou-se em um “bem prestigiante de

um povo”. Entretanto, e sem qualquer apologia ao xenofobismo, é imperioso afirmar, que o nacional sempre teve de lutar ferrenhamente contra o importado e vindo “naturalizadamente” de certas regiões mais ao norte do globo.

1. Dentre outras publicações fundamentais que iluminam e esclarecem algumas diferenças “de fundo” acerca do arbitrário contido nos conceitos de cultura popular e cultura de elite, podem ser citadas: José Guilherme Cantor MAGNANI. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade* (2003). Marilena CHAUI. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil* (1989); da mesma autora: *O nacional e o popular na cultura brasileira – seminários* (1984). Nestor García CANCLINI. *Las culturas populares en el Capitalismo* (1982). Terry EAGLETON. *A ideia de cultura* (2005). Renato ORTIZ. *Cultura brasileira & identidade nacional* (2005).

Noel Rosa (1910-1937), um dos grandes compositores brasileiros, com uma obra surpreendente bela e significativa é quase desconhecido pela maioria dos brasileiros. De fato, são poucos os músicos, também, que o conhecem. Na mídia espetacularizada, ele não aparece; ou é raramente mencionado; mas, de modo quase paradoxal, ele não é conhecido nas escolas também... Muitos, animados pelas frases de efeito, afirmam que Carlos Drummond de Andrade é nosso “poeta maior”, mas não conseguem se lembrar de qualquer poema seu ou citar um deles. Martins Pena, principalmente para quem chegou até o Ensino Médio, é conhecido como o (dito) introdutor da comédia de costumes no Brasil, mas ao se indagar a um sujeito quanto à qualidade de suas obras, pode-se ouvir um sonoríssimo: “Não conheço. Nunca li!” Apesar do reconhecimento internacional, Cândido Portinari não é mencionado nem lembrado como deveria também, muitos jamais ouviram falar dele... Uma das mais destacadas figuras do cinema brasileiro, Glauber Rocha, é conhecido basicamente por cinéfilos... Artistas, como Oscarito (1906-1970), Grande Otelo (1915-1993), Dercy Gonçalves (1907-2008), Cacilda Becker (1921-1969), Glauce Rocha (1930-1971), Sergio Cardoso (1925-1972), Piolin (1897-1973), Benjamin de Oliveira (1870-1954), Jorge Andrade (1922-1984), Mario de Andrade (1893-1945), Tonico e Tinoco, Mazaropi (1912-1981), Assis Valente (1911-1958), Oduvaldo Vianna Filho (1936-1974), Flávio Império (1935-1985), Guiomar Novaes (1894-1979), Patrícia Galvão (1910-1962) entre tantos-outras, encontram-se quase soterrados pelo limbo do esquecimento.

Na chamada dialética entre o lembrar e o esquecer, a história da cultura brasileira tem, em muitos casos, erguido um imenso cemitério em cujas lápides de seus ilustres artistas quase nada mais é possível ler. Vivemos quase que totalmente encerrados e condenados a um presente, que se ergue sem referências ou compromissos com aqueles que vieram antes de nós: cidades desterradas de passado, pessoas subsumidas da história.

Em síntese, observamos países e cidades sem passado, este foi eliminado das histórias dos sujeitos. Histórias sem dialética, erigidas a partir de versões da subsunção da totalidade dos sujeitos...

Não há dúvida de que o escritor mineiro Murilo Rubião (1916-1991) é um dos mais importantes contistas brasileiros. A despeito de sua inequívoca genialidade, trata-se de um

autor igualmente pouco conhecido na terra nascida. Paradoxo? Nem tanto, tendo em vista que, entre nós, o que tem, majoritariamente, vencido é o esquecimento e não a lembrança. Assim, na já mencionada dialética entre o par –“lembrar” e “esquecer”, tem vencido o segundo e não por deliberação de escolha pessoal, mas por um bem e intrincado esquema de turvamento da memória, construção da memória pelo alto. De fato, a irritante e articulada conjunção – desde os tempos do Brasil-Colônia – entre o esquecimento, acompanhado de certo “torcicolo cultural“ (que induz a imaginar que a fruta do quintal alheio é sempre mais gostosa), torna opaca nossa capacidade de percepção e de reconhecimento identitários.

No sentido de cercar algumas questões, tendo em vista o assunto que aqui se pretende desenvolver, que concerne à identidade, e sem fechar questão, talvez fosse pertinente apresentar algumas etimologias. Etimologicamente, idade (do latim *Haiti*), corresponde ao período da vida já vivido. Identidade (lt. escolástico *identitate*, declinação de *identitas*), do latim, é formada a partir de *idem*, o(a) mesmo(a) e *entitate*, declinação de *entitas*, entidade, correspondendo a ser. Portanto, identidade diz respeito a um conjunto de traços característicos e semelhantes e, também, identificáveis, pela diferença, de alguém. Apagados os traços de distinção do sempre parecido, arcadas dentárias, impressões digitais, exames de DNA são os meios para distinguir as marcas de reconhecimento de alguém. Daí deriva, *identicu*, correspondendo ao sentido de igual. Em português, formaram-se idêntico, identificar e identificação. Decorrente disso, sobretudo por necessidade, ao agrupar os idênticos e ao identificá-los, o Estado tem construído um conjunto de expedientes para controlar e identificar os indivíduos. Carlo Ginzburg (1989) apresenta uma análise surpreendente de como o Estado descobriu na irrepetível digital, de “tantos parecidos“ e assemelhados, os traços indiciários por meio dos quais é possível o esquadramento e o controle de qualquer sujeito.

Estamos no mundo, “achando normal”: falar yes, usar toneladas de expressões no idioma inglês, sem saber seus significados em português; adorando: “dançar na chuva“, chacoalhar-se ouvindo Ma(n)dona; defendendo: a criada, alardeada e estratégica fragilidade de Michael Jackson (depois de sua condenação peremptória, por todo tipo de conservadorismo, em vida); não perdendo: os filmes indicados ao Oscar e os sempre mesmos capítulos das telenovelas, que apenas mudam de nome; discutindo e defendendo: a “eliminação”<sup>2</sup> de alguém, tanto do mundo virtual quanto do real, feito mercadoria... Vivemos em tempo de sociedade espetacularizada e, diariamente, consumimos toneladas de lixo cultural, de fofoca sobre a vida dos astros e estrelas, consumindo todo tipo de jogos de azar e de profecias dos mais diferenciados pastores, seitas, magos e até de aberrações travestidas de gente.

2. Acerca do significado majoritário proposto pelo verbo eliminar, dos diferentes materiais à disposição, é absolutamente fundamental a leitura do ensaio de ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. In: COHN, Gabriel (Org.). Theodor Adorno. São Paulo: Ática, 1986. p. 33-45. (Grandes cientistas sociais - 54)

Em uma de suas potentes crônicas, Marina Colasanti, discutindo a passagem da apolo-gia incondicional ao amor, dando lugar àquela envelhecida do sexo, afirma:

[...] transformamos o sexo em verdade.

Mas o ouro dos bezerros modernos é de liga baixa, que logo se consome na voracidade da mass media. O sexo não nos deu tudo o que dele esperávamos, porque dele esperávamos tudo. E logo a sociedade começou a olhar em volta, à procura de um outro objeto de adoração. Destronado o sexo, partiu-se para a grande festa de coroação do amor.

Agora, aqui estamos nós, falando pelos cotovelos, analisando, procurando, destrinchando. E desgastando. Antes, quando eu pensava numa conversa séria, direita, com a pessoa que se ama, sabia a que me referia. Mas agora, quando ouço dizer que “o diálogo é fundamental para a manutenção dos espaços”, não sei o que isso quer dizer, ou melhor, sei que isso não quer dizer mais nada. Antes, quando eu pensava ou dizia que amor é fundamental, tinha a exata noção da diferença entre o fundamental e o absoluto. Mas agora, quando ouço repetido de norte a sul, como em um gigantesco eco, que “a vida sem amor não tem sentido”, fico com a impressão de estar ouvindo um slogan publicitário e me retraio porque sei que estão querendo me impor um produto.

A vida sem amor pode fazer sentido, e muito. É bom que a gente recomece a dizer isso. Mesmo porque há milhões de pessoas sem amor, que viveriam bem mais felizes se de repente a voz geral não lhes buzinasse nos ouvidos que isso é impossível. O mundo só andou geometricamente aos pares na Arca de Noé. Fora disso, anda emparelhado quem pode, quando pode. E o resto espera uma chance, sem nem por isso viver na escuridão. (COLASANTI, 1996, p. 128-129).

A crítica social também aparece nos textos de Murilo Rubião para quem o fantástico faz parte da vida:

[...] e também porque sou um sujeito que acredita muito no que está além das coisas: nunca me espanto com o sobrenatural, com o mágico, com o mistério. Sempre senti uma sedução muito grande pelo sonho, pela atmosfera onírica das coisas. Quem não acredita no mistério não faz literatura fantástica. (RUBIÃO apud SCHWARTZ, 1982, p. 3).

Em *Teleco, o coelhinho* (um dos contos fantásticos, contido no igualmente fantástico: *O homem do boné cinzento e outras histórias*, 1990), Murilo Rubião, para quem a opção pelo fantástico teria sido herança de sua infância e das leituras que fez, cria uma narrativa surpreendente para contar a história “surpreendentemente real” do coelhinho Teleco que, por sua capacidade de adaptação e mutação metamórfica, transforma-se em qualquer outro animal... Quer dizer, quase em qualquer outro, falta-lhe, entretanto, a capacidade de transformar-se, de acordo com alimentado sonho impossível de ser concretizado em vida, em alguém. Desse modo, próximo ao momento de sua morte, Rubião finaliza seu curto texto do seguinte modo:

Ante a minha impotência em diminuir-lhe o sofrimento, abraçava-me a ele, chorando. O seu corpo, porém, crescia nos meus braços atirando-me de encontro à parede.

Não mais falava: mugia, crocitava, zurrava, guinchava, bramia, trissava.

Por fim, já menos intranquilo, limitava as suas transformações a pequenos animais, até que se fixou na forma de um carneirinho, a balir tristemente. Colhi-o nas mãos e senti que seu corpo ardia em febre, transpirava.

Na noite, apenas estremecia de leve e, aos poucos, se aquietou. Cansado pela longa vigília, cerrei os olhos e adormeci. Ao acordar, percebi que uma coisa se transformara em meus braços. No meu colo estava uma criança encardida, sem dentes. Morta. (RUBIÃO, 1990, p. 21-29).

Explícitas ou implícitas, existem determinadas (pré) formas sociais às quais vamos nos colando, aderindo, encaixando para sermos aceitos. Muitas vezes, elas (as formas) nos comprimem, mas, em nome de sermos aceitos, sacrificamos alguma coisa... Esse sacrifício talvez corresponda ao *idem*, a *identicu* de identidade. Tanto na vida, como nos processos educativos, a conformidade, a conformação pela homogeneidade é desejada, buscada e imposta por certo modelo premido por “tradição conformante”.

Na sequência, dois textos podem nos aproximar mais e mais do assunto e do contexto educacional. O primeiro, de autor anônimo, chama-se *A fábula do currículo*:

Preocupados com a complexidade da vida, os bichos resolveram copiar os homens, organizando uma Escola que melhor pudesse prepará-los para enfrentar os problemas da existência.

Acompanhando ideais educacionais em voga, optaram por um currículo teórico-prático, constando, em essência, das seguintes disciplinas: Corrida, Escalada, Natação e Voo.

O Cisne, nadador exímio, mostrou-se desde logo melhor que o professor. Conseguiu notas razoáveis em Voo, mas revelou-se aluno muito fraco em Corrida. Coitado... quase sempre tinha de ficar depois do horário, para treinar a corrida. Por isso, teve até de reduzir as horas que dedicava à Natação, atividade tão do seu agrado! O que conseguiu mesmo foi ficar com as patas esfoladas. Por causa disso, até seu humor se modificou, e vivia emburrado. Talvez por esse motivo, quando chegou a época do exame final, estava tão cansado que, até na Natação, obteve apenas uma nota regular. Contudo, como o sistema de aprovação, na Escola, era o da média aritmética das notas obtidas nas diferentes matérias, conseguiu passar “raspando”. Aliás, nessa altura, era visível que os alunos não mais se preocupavam com o aproveitamento escolar, ou real aprendizagem das matérias. O importante era garantir uma média final que desse para passar e ganhar o certificado.

O coelho, por exemplo, sempre fora o melhor de todos em Corrida, mas ficava atrapalhado e nervoso nas aulas de Natação. Dava até impressão de que, quanto mais se aplicava, menos aprendia. Vivia falando nos pesadelos que tinha, por causa do exame de Natação.

O Gato, de saída, superou todos os colegas do curso em Escalada, mas acabou por indispor-se com o professor, porque preferia adotar processos próprios de subida, inventados por ele, e muito eficazes até, mas que nem sempre coincidiam com os ensinamentos recebidos. Acabou tachado de aluno-problema no curso de Voo, porque o professor insistia em que ele alçasse voo do solo, enquanto o gato sustentava que só conseguia “voar” baixando do topo das árvores até o chão.

No fim do curso, um Pato tranquilo, assíduo, diligente, pouco amável, que nadava bem, voava sofrivelmente e atravessava, gingando, o gramado, numa imitação de corrida, alcançou a média mais elevada do grupo. O diretor da escola convidou-o para se orador da turma, na formatura. A festa foi triste... O grupo alegre dos primeiros dias não era mais o mesmo. Muitos haviam desistido no meio do caminho; outros haviam sido reprovados. Quase todos estavam cansados e ainda alguns revelavam grande desânimo e pessimismo quanto ao futuro... (autor desconhecido).

O segundo texto, escrito na década de 1980, era lido, passado de mão em mão, por muitos professores de escolas públicas estaduais (onde tive acesso a ele), e utilizado em pesquisas, – não se sabe se foi publicado –, chama-se *Receita de alfabetização*, de Marlene

Carvalho. Transcrevo o texto, cujo acesso ocorreu, em 1982, durante encontro de professores, promovido pela Delegacia de Ensino em Santos:

Pegue uma criança de seis anos e lave-a bem. Enxugue-a com cuidado e enrole-a num uniforme e coloque-a sentadinha na sala de aula. Nas oito primeiras semanas, alimente-a com exercício de prontidão. Na nova semana, ponha uma cartilha nas mãos da criança. Tome cuidado para que a criança não se contamine no contato com livros, jornais, revistas e outros perigosos materiais impressos. Abra a boca da criança e faça com que ela engula as vogais. Quando tiver digerido as vogais, mande-a mastigar, uma a uma, as palavras da cartilha. Cada palavra de ser mastigada no mínimo 60 vezes, como na alimentação macrobiótica. Se houver dificuldade para engolir, separe as palavras em pedacinhos. Mantenha a criança em banho-maria durante quatro meses, fazendo exercícios de cópia. Em seguida, faça com que a criança engula algumas frases inteiras. Mexa com cuidado para não embolar.

Ao fim do oitavo mês, espete a criança com um palito, ou melhor aplique uma prova de leitura e verifique se ela devolve pelo menos 70% das palavras e frases engolidas. Se isto acontecer, considere a criança alfabetizada. Enrole-a num bonito papel de presente e despache-a para a série seguinte.

Se a criança não devolver o que lhe foi dado para engolir, recomece a receita desde o início, isto é, volte aos exercícios de prontidão. Repita a receita quantas vezes for necessário. Ao fim de três anos, embrulhe a criança em papel pardo e coloque um rótulo: aluno renitente. (CARVALHO, [S. l.: s. n.]).

Apesar de o texto, possivelmente, ser do início da década de 1980, e de tantas tentativas de mudança terem ocorrido, não se pode ter certeza de que as coisas tenham mudado para melhor. Não se pode dizer, conscientemente – ainda que os governos façam apologia de si mesmos, apresentando dados quantitativos –, que houve melhorias no sistema educacional.

Há, ainda, um terceiro exemplo, retirado de um fragmento, absolutamente revelador, apresentado em *A paixão de conhecer o mundo* (1983), de Madalena Freire. No excerto do livro da educadora Madalena Freire, há uma referência a uma atividade proposta por uma professora para comemorar o “Dia do Índio”. Constituía-se a atividade em pintar um estereotipado indiozinho mimeografado com as cores indicadas pela professora. Já próximo do fim da atividade, uma das crianças da sala, por “descuido”, deixa cair um pingo de tinta no papel... Como não havia probabilidade de reparar a “verdadeira tragédia”, pensou em explicar aos pais o ocorrido e desculpar-se do ocorrido, quando da exposição. O fato é que,

no dia da exposição, ao deparar-se com inúmeros desenhos pintados com a mesma cor e do mesmo modo, a única criança ao reconhecer a sua obra foi aquela, cujo pingo indesejado de tinta marcou o papel, diferenciando-o dos demais. Em algumas das vanguardas históricas europeias, o incidente seria chamado de acaso subjetivo (*l'hasard subjetif*). Para a reflexão que se tenta desenvolver aqui, pode-se nomear tal acaso como marca diferenciadora, como singularidade de identidade.

Sem perpetrar julgamentos genéricos, mas tendo bastante presente que a Educação tem trabalhado fundamentalmente com a homogeneização (que Michel Foucault, entre outros, tão bem denunciou em *Vigiar e punir*, 1987), destacamos que um educador, quando consciente de sua tarefa e importância, jamais torna o currículo meio de premiação ou de apologia a datas oficiais. Ele busca apresentar aos estudantes uma visão crítica a respeito do mercado e do capitalismo, seu meio de promoção.

Com educadoras como Madalena Freire, tanto crianças como adultos, podemos aprender outras coisas, por exemplo, a conhecer poesia e poetas de forma crítica:

[...] Não gosto das palavras fatigadas de informar.  
Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão  
tipo água pedra sapo.  
Entendo bem o sotaque das águas./dou respeito às coisas  
desimportantes  
e aos seres desimportantes./ Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade/ das tartarugas mais que as dos mísseis.  
[...]  
Eu fui aparelhado/ para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância de ser feliz por isso.  
Meu quintal é maior do que o mundo.  
[...]  
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.  
Porque eu não sou da informática:/ eu sou da invencionática.  
(BARROS, Manoel. O apanhador de desperdícios.)

Domingos tinha a mania  
De não errar a sintaxe  
Escrevia todo dia  
Tique-tique tique-taque  
Vírgulas, tudo sabia,  
Maiúsculas e até crase,  
Conhecia a ortografia  
Tique-tique tique-taque  
Pois, de súbito, Domingos  
Perdeu o ponto da frase  
E não pode mais parar  
Tique-tique tique-taque  
Ficou no ar a palavra  
Domingos, que disparete!  
Não pode parar a máquina  
Tique-tique tique-taque  
Quem puder achar o ponto  
Que venha encerrar a frase.

(MORAES, Antonieta Dias de. O bom datilógrafo. In: MORAES, A. D. Jornal falado. São Paulo: Global, 1986).

*A novidade que tem no brejo da cruz  
É a criança se alimentar de luz.  
Alucinados, meninos ficando azuis  
e desencarnando lá no brejo da cruz.  
Eletrizados cruzam os céus do Brasil  
[...] assumem formas mil.*

*(trecho da música Brejo da cruz. Fonte: BUARQUE, Chico. Chico Buarque. São Paulo: Universal, p1984. 1 disco).*

O cartunista Frank Tashlin (1913-1972), com significativa produção tanto como quadrinista quanto diretor de cinema, em 1946, escreve um texto para crianças (e adultos) chamado *The bear that wasn't is*, traduzido para o português; por Esdras do Nascimento, como *Era urso?* (2003). Em tese, o livro, constituído igualmente por ilustrações e texto, apresenta a história de um urso que, ao olhar para cima vê os patos em fluxo migratório, buscando clima mais ameno e as folhas dos salgueiros caindo. Sabe o urso tratar-se de momento de hibernação. Procura uma toca e lá, tendo em vista sua inserção na natureza, se recolhe. Enquanto hiberna, muitos homens e máquinas transformam seu *habitat*, assim, no lugar da floresta surge uma imensa fábrica. Ao acordar, sobe por uma escada e sai no pátio de uma fábrica. Um supervisor o vê, diz para ele tomar banho, fazer a barba e ir trabalhar. O urso alega, apenas, ser um urso e não um trabalhador. O supervisor leva o urso ao chefe. Nova reprimenda e a mesma recomendação ao preguiçoso: tomar banho, fazer a barba e ir trabalhar. O urso insiste em ser urso. Dirigem-se o urso, o supervisor e o chefe à sala do gerente. Seguem-se a mesma acusação e a defesa. Assim, dirigem-se o urso, o supervisor, o chefe, o gerente à sala do vice-presidente. Claro, o mesmo ocorre: o urso preguiçoso é acusado de ser preguiçoso e de não querer trabalhar. Cada vez mais abatido, o urso ainda tem forças para alegar a mesma coisa: ele é apenas um urso! Dirigem-se: o urso, o supervisor, o chefe, o gerente, o vice-presidente à sala do presidente. Este, evidentemente a par da história, afirma, simplesmente: Sei o que diz, mas vou provar que você não é urso. Dirigem-se todos, primeiramente, a um circo. Do picadeiro os ursos amestrados dizem que ele é vagabundo, pois se fosse um urso estaria com eles, no picadeiro. Saem todos do circo e dirigem-se a um parque de diversões; neste local, um ursinho, em monociclo, afirma que ele é um vagabundo, que precisa fazer a barba, tomar banho e ir trabalhar. Em recorte, o índio..., isto é, o urso aparece repetindo o mesmo movimento em frente a uma enorme máquina. Algum tempo se passa, mas a crise mundial leva a indústria à falência. Todos os trabalhadores têm para onde voltar, mas o urso não tem ninguém. Olha para cima: vê as folhas dos salgueiros caindo e os patos em busca de terras mais amenas. Começa o frio e a neve aumenta. O urso, cada vez mais gelado, afirma para si mesmo: Se eu fosse um urso eu saberia o que fazer, mas sou apenas um vagabundo, que preciso tomar banho e fazer a barba... Prestes a congelar, o instinto retoma aquele ser cansado e não-humano. Ele busca uma caverna e sonha que era urso. Crianças tendem a adorar esta história e, se estimuladas a rerepresentá-las teatralmente, o resultado pode ser muito bom.

Mesmo sem ser tão “interessante” talvez de ser montada, mas excelente de ser ouvida (e não apenas pelas crianças), vale a pena transcrever o texto de Clarice Lispector, chamado *Um diálogo*:

Quando estudei francês teria me divertido muito mais se meu livro escolar fosse como esse que vi. E que contém o diálogo entre pai-cachorro e o

filho-cachorro. Pai-cachorro: “Você tem estudado muito?” Filho-cachorro: “Tenho.” Pai-cachorro: “Matemática?” Filho-cachorro: “Não.” Pai-cachorro: “Ciências?” Filho-cachorro: “Não.” Pai-cachorro: “Geografia ou filosofia ou história?” Filho-cachorro: “Não.” Pai-cachorro: “Finalmente, que é que você tem estudado?” Filho-cachorro: “Línguas estrangeiras.” Pai-cachorro: “E o que é que você aprendeu em línguas estrangeiras?” Filho-cachorro: “Miau.” (LISPECTOR, 1992, p. 161).

Diferentemente deste insinuante diálogo que deve ser lido às crianças – e a que os adultos devem prestar muita atenção, em *As aventuras de Tibicuera*: que são também as do Brasil, de Érico Veríssimo lembrando que Tibicuera significa cemitério, o autor gaúcho, em obra também dirigida às crianças, tenta nos levar à reflexão. Para tanto, apresenta o seguinte enredo: o pajé pergunta a Tibicuera (já homem e guerreiro) qual seria o maior bem da vida, este lhe responde a coragem; mas o pajé lembra ao jovem guerreiro que vem a velhice e com ela outras determinações são necessárias. Desse modo, afirma o pajé:

[...] O tempo passa, mas a gente finge que não vê. A velhice vem, mas a gente luta contra ela, como se ela fosse um guerreiro inimigo. Os homens envelhecem porque querem. Só muito tarde é que compreendi isso. Tibicuera pode vencer o tempo. Tibicuera pode Leloir a morte. O remédio está aqui. - Tornou a bater na testa. - Está no espírito. Um espírito alegre e são vence o tempo, vence a morte. Tibicuera morre? Os filhos de Tibicuera continuam. O espírito continua: a coragem, o nome de Tibicuera, a alma de Tibicuera. O filho é a continuação do pai. E teu filho terá outro filho e teu neto também terá descendentes e o teu bisneto será bisavô dum homem que continuará o espírito de Tibicuera e que portanto ainda será Tibicuera. O corpo pode ser outro, mas o espírito é o mesmo. E eu te digo, rapaz, que isso só será possível se entre pai e filho existir uma amizade, um amor tão grande, tão fundo, tão cheio de compreensão, que no fim Tibicuera não sabe se ele e o filho são duas pessoas ou uma só.

Eu olhava para o pajé, mal compreendendo o que ele me ensinava. O feiticeiro falou até madrugada alta. Quando voltei para minha oca fiquei por longo tempo olhando para meu filho que dormia na rede.

E eu me enxerguei nele, como se a rede fosse um grande espelho ou a superfície dum lago calmo. (VERÍSSIMO, 1980, p. 22).

Narrativas de origem, narrativas como as origens de nós mesmos nos são furtadas, eliminadas de nossa memória cultural... João Ubaldo Ribeiro, grande romancista, escreve a

magistral *Viva o povo brasileiro* (1984). Em mais de trezentos anos de história, brancos, negros e índios, em paisagens, sobretudo, do recôncavo baiano mostram-se a nós. Entre tantos e exemplares momentos, salta da narrativa para a vida a história de uma das personagens da obra chamada Dadinha; filha de índia e de holandês capturado, literalmente para ser comido pelos parentes desta. Alegoricamente, Dadinha representa na obra tanto o aborígine, o negro, o pobre, o desterrado, o subsumido da história oficial, como também o “mulato” Amleto Ferreira (filho de negra com degredado inglês, que esconde sua origem negra). Este se transforma, depois de roubar seu patrão e dele abocanhar o dinheiro e todos os seus bens, em Amleto Ferreira Dutton.

Dadinha é um exemplo de todas as misturas, de todos os diferentes traços de caráter, de todos os desejos, dos “[...] filhos deste solo és mãe gentil”. Pois, no dia em que comemora 100 anos, ela fala para quem quiser ouvir:

[...] Crem-deus-haja, vissantíssima, Val de lágrimas. Meu pai ele baleneiro e tinha os olho craro, e morreu queimado no meu nachimento. Antes do meu nachimento minha mãe foi vendida antes de me desmamar, partindo por Serigi para nunca mais voltar. Quando fui nacher tinha dezoito almas doidas em Amoreiras e todas elas vieram para ne mim encarnar. Foi uma grande disputa que nem casa de puta: meu corpo mais de cem almas, por vezes em grande luta. Minha avó Vu não falava língua, falava gritos. Quando levaram ela para trabalhar, gritou e atacou. Quanto mais eles marando no tronco e chibateando muito, sentada de croca e de cabeça para baixo, mais ela atacando sem receio. Prenderam, baterô, vestirô, ferrarô, meçarô tudo e qualquer coisa, quanto mais isso mais ela atacava. Então, por força daquela brabeza e todos pensando que o cão de satanás habitava ela, esperarô ela parir para aproveitar a cria e resolverô de enterrar viva de cabeça para baixo, cavando cova bem funda para muito bem enterrar, vindo o padre depois do enterramento para tudo abençoar muito bem abençoado. (RIBEIRO, 1984, p. 72-74).<sup>3</sup>

3. Tanto o parágrafo anterior como o excerto foram retirados do texto (no prelo), *O idêntico permanentemente (in)diferente: algumas epifanias da identidade apontadas por meio de obras ficcionais*, a ser publicada na Revista Trama Interdisciplinar, revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Metodista Mackenzie.

Aliás, como seria fundamental que nós, educadores, inconformados com tanta cultura postiça e esvaziada de sentido, assumíssemos o papel de continuadores da melhor tradição dos contadores de histórias, dos leitores de texto que a mídia atual não mostra e que de tudo faz para que esqueçamos...

Às vezes, é preciso despir-se de tantas ditas certezas. Colocar-se em situação de revisão, de quase incerteza, de não saber, como atesta o texto de Clarice Lispector:

Não entendo. Isto é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter loucura sem ser doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender que não entendo. (LISPECTOR, 1992, p. 178).

Precisamos ler algumas obras que desarranjem tantas pseudo-certezas acomodadas estrategicamente em nossas estruturas mentais. Muitos são os sujeitos necessariamente “bagunçantes” de tantas certezas: gente que veio para atrapalhar, para desformatar... Entre tantos outros, o texto de Darcy Ribeiro, *Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu* (1985), é leitura obrigatória. Darcy Ribeiro tira-nos de tantas certezas e nos induz à busca de outras informações. Assim, esvaziados das certezas homogêneas, feito cientistas inquietos, podemos redescobrir o mundo e imediatamente realizar nossas descobertas usando para isso de liberdade e da consciência de incompletude, que nos impulsiona aos atos de troca.

Com produção infantil significativa (tanto em quantidade, como em qualidade), o uruguaio Eduardo Galeano, em *A pedra arde*, apresenta a história de um velho combatente de guerra, cujo rosto era todo marcado, repleto de cicatrizes. Esse velho vivia isolado, em uma casa protegida por altos muros e escondida entre muitas árvores frutíferas. Todas as crianças da vizinhança tinham medo do velho e, por questões de costume, preenchiam todas as lacunas do desconhecimento inventando situações. No imaginário das crianças, o velho era uma espécie de monstro. Um belo dia, para roubar frutas apetitosas do quintal do “monstro”, um menino acaba ficando preso no muro. O velho, absolutamente humano e bondoso, salva esse menino e inicia uma amizade com ele. Todas as marcas presentes em seu rosto, afirma o velho, em resposta à inquietação infantil, eram fruto de muitas lutas em prol de seu País e de sua gente.

Entretanto, na época em que estamos vivendo – “tempo de partido” como Drummond inicia *Nosso tempo*, um de seus antológicos poemas –, parece ser tendência próxima ao hegemônico, sobretudo pela classe média, a de eliminar traços e marcas do tempo. O conceito de tempo, marcando a existência, tem sido eliminado de diferentes modos. Dessa forma, o pensamento nasce da boca, sem chão histórico e sem lastro temporal.

As marcas, sinais, fazem parte da nossa memória, ou seja, esta é sinalizada por ações significativas, balizantes de acontecimentos necessários ao viver, seja para não esquecer, seja para não deixar de lembrar.

Elmer Rice escreve, em *A máquina de somar* (1922-23), que, depois de 25 anos de uma vida sem sentido e de trabalhar no mesmo lugar, cumprindo a mesma tarefa, o contador Zero é mandado embora pelo seu patrão. Isso ocorre porque ele será substituído por máquinas de somar: que fazem o trabalho de dez e podem ser operadas por qualquer colegial. Inconformado, Zero mata o patrão, é condenado à morte, “desperta” no cemitério e é enviado para uma Estação Cósmica de Tratamento de Almas. Zero permanece na Estação por mais 25 anos e deverá ser enviado a Terra novamente. Zero, que parece não ter aprendido nada, clama para voltar como contador... Charles, o chefe do setor em que Zero se encontra, dialoga com este:

**Charles** - Você pediu a verdade, não pediu? Se houve alma no mundo com etiqueta de escravo esta alma foi a sua. Porque todos os chefes e reis do mundo deixaram suas marcas registradas em seu traseiro.

**Zero** - Isso não é justo.

**Charles** (encolhendo os ombros) - Para mim vem falar de justiça? Não faça as regras. Tudo que sei é que você foi ficando pior... Pior a cada vida. Há seis mil anos você não era tão ruim. Foi no tempo em que carregava pedras para uma grande pirâmide num lugar chamado África. Já ouviu falar das pirâmides?

**Zero** - Aquelas coisas bem grandes, com uma ponta?

**Charles** (concordando) - Isso mesmo.

**Zero** - Já vi em filmes.

**Charles** - Pois bem, você ajudou a construir. Você já era um pouco pior que nos dias felizes na selva, mas pelo menos aquele era um bom trabalho... Embora não soubesse o que estava fazendo e suas costas ficassem marcadas pelo chicote do capataz. Mas você só desce na escala. Há dois mil anos você era um escravo romano de galera. Novamente o chicote. Mas nessa época você ainda tinha músculos... [...] E então, mais mil anos depois e você foi um servo... um monte de barro cavando outro monte de barro. Nesse tempo você usava um colarinho de ferro... o colarinho branco ainda não havia sido inventado... Outros passos largos para baixo. Mas, pelo menos, onde você cavou, cresceram batatas, e elas ajudaram a engordar os porcos. O que era alguma coisa. E agora [...].

[...]

Você vai ser novamente um bebê... um animalzinho careca e coradinho. Depois vai passar por tudo outra vez. Haverá milhões como você... todos com as bocas abertas gritando por comida. E então, quando crescer, começa a aprender coisas. Vai aprender tudo o que é errado, de modo errado. Vai comer comida errada e usar roupas erradas, vai morar em habitações superlotas, sem luz e sem ar! Vai aprender a temer a luz solar e odiar a beleza. Para, então, estar em condições de ir à escola. Na escola vão dizer a verdade sobre muitas coisas que não interessam e mentiras sobre todas as coisas que deveria saber... E, sobre todas as coisas que quiser saber, nunca vão dizer nada. Quando sair da escola, estará preparado para o trabalho do resto da vida. Estará em condições de ter um trabalho. (RICE, 2001, p. 32-33).

O trabalho de Zero, conforme o texto, será substituído por uma imensa máquina de somar. Tomando a epígrafe de Paulo Freire, apresentada no início deste texto, como meio de reflexão, é evidente que Zero, pelo senso comum de que é nutrido, não deve ter estudado em escola concebida como espaço de encontro. Como espaço preenchedor de lacunas.

## II. BREVES APONTAMENTOS ACERCA DA LINGUAGEM TEATRAL<sup>4</sup>

A palavra teatro, do grego *theatron*, refere-se a lugar de onde se vê. Portanto, da área da plateia, o espectador olha, admira, contempla uma obra em que pessoas representam (fingem) ser o que não são. Nessa medida e em tese, quanto mais o intérprete se mesclar com a personagem, maior tende a ser a identificação do espectador com a arte do fingimento. Tanto para escrever, quanto para construir uma personagem, um cenário, um figurino... é preciso que o criador, investindo na razão, busque atingir a capacidade emocional do espectador. Afinal, Fernando Pessoa (ele mesmo) já havia observado em *Autopsicografia* (1933) que:

4. Como o espaço para o texto é restrito, caso exista algum interesse em aprofundar certos conceitos ligados à linguagem teatral, consultar *Teatro e dança: repertórios para a educação*. (2010).

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.  
E os que leem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.  
E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.  
Fernando Pessoa  
(FERNANDO..., 1972, p. 164)

O conceito de representação, cujo sentido aproxima-se de apresentar novamente; e esteticamente, significa colocar-se em situação. Não sou João Grilo ou Chicó (de *O auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna), mas apresento-me como se fosse. Tomando o texto *Os estudantes*, de Eduardo Galeano, traduzido por Eric Nepomuceno, pode-se entender o conceito de representação expandido, pelas mais diversas necessidades postas pelo (sobre)viver:

Se a professora pergunta o que elas querem ser quando cresceram, elas se calam. E depois, falando baixinho, confessam: ser mais branca, cantar na televisão, dormir até meio-dia, casar com alguém que não me bata, casar com quem tem automóvel, ir para longe e que nunca me encontrem. E eles dizem: ser mais branco, ser campeão mundial de futebol, ser o Homem-Aranha e caminhar pelas paredes, assaltar um banco e não trabalhar nunca mais, comprar um restaurante e comer sempre, ir para longe e que nunca me encontrem.

Não vivem a grande distância da cidade de Tucumán, mas não a conhecem nem de vista. Vão para a escola a pé ou a cavalo, dia sim, dia não, porque fazem rodízio com os irmãos no uso do único avental e no único par de alpargatas. E o que mais perguntam para a professora é: quando chega o almoço? (GALEANO, 2004, p. 62).

De fato, por meio de textos como o de Galeano, o conceito se redimensiona. Apesar de potencialmente se ter um conjunto de características e de necessidades, de se acreditar nele, muitas, infundadas vezes, somos obrigados a mostrar ao mundo o que não somos... Não são poucas as vezes em que, mesmo forçando nossa natureza, somos impelidos a agradar. Desse modo, ainda que os conceitos tradicionais, sobretudo aqueles do Iluminismo, apresentem o sujeito a partir de uma concepção de indivíduo absolutamente centrado, unificado, dotado de consciência e de razão, cujo 'centro': "[...] consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e como ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou 'idêntico' - a ele -- ao longo da existência do

indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.” (HALL, 2000, p. 10-11) Evidentemente, há outras concepções apresentadas por Hall, mas todas elas chocaram-se com a sociedade dita pós-moderna. Nessa perspectiva:

[...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2000, p. 13).

Ainda segundo Hall, o sujeito, em uma estrutura deslocada, em contexto fragmentado e característico da pós-modernidade, sem um centro único, cuja identidade, encontra-se absolutamente premissa pelo histórico, e não biológico:

[...] assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidade que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. [...] os sistemas de representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2000, p. 13).

Na medida em que a sociedade tende a “dissolver os homens”, em que as relações sociais não permitem um viver mais pleno, em que tantas contradições são interpostas, sobretudo do ponto de vista cultural, é importante indagar-se de que modo o papel do educador de educação infantil pode facilitar às crianças uma inserção em mundo tão confuso. Talvez essa facilidade possa ser conquistada mais inteiramente por intermédio das práticas artísticas. Contudo, isso significa repudiar as teses de pré-exercício, que concebem a arte como uma propedêutica à vida; banir a apologia ao papel incondicional das artes e nela do teatro, na medida em que tudo é relação e troca; abandonar esquemas ou, como se diz, partituras fixas (sobretudo sem coreografias das músicas da Xuxa e congêneres perversos...). Somente quando o educador assumir uma visão crítica, as artes terão papel de destaque e de singular importância na vida das crianças.

A atividade teatral, desenvolvida no âmbito escolar, na faixa etária compreendida pela chamada Educação Infantil, concerne exclusivamente a práticas lúdicas. Nessa perspectiva, ainda que se possa chegar a um resultado estético, as práticas teatrais têm função prática e funcional, cujo pressuposto implica em promover atividades que facilitem o autoconhecimento e o contextualizem, ou seja, implica em uma junção de autoconhecimento e de ampliação, sobretudo, dos processos decorrentes das trocas sociais, mediadas pelos símbolos.<sup>5</sup>

5. Para aprofundar algumas questões aqui apontadas, na medida em que não serão propostas muitas atividades aos estudantes-professores, consultar, também publicado pela Unesp, organizado por Dorotéia Machado KERR, *Cadernos de formação: artes*. (2004).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:



- COLASANTI, Marina. É tempo de pós-amor. In: COLASANTI, Marina. **Eu sei, mas não devia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALEANO, Eduardo. **Bocas do tempo**. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- KERR, Dorotéia Machado (Org.). **Cadernos de artes**. São Paulo: Unesp (Pró-reitoria de Graduação), 2004.
- LISPECTOR, Clarice. Um diálogo. In: LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- FERNANDO Pessoa: obra poética. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar, 1972.
- RIBEIRO, Darcy. **Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu**. Projeto gráfico e seleção de ilustrações Fortuna. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1985.
- RICE, Elmer. **A máquina de somar**. Tradução de Márcio Boaro e Iná Camargo Costa. Texto mimeografado, 2001.
- RUBIÃO, Murilo Rubião. Teleco, o coelhinho. In: RUBIÃO, Murilo Rubião. **O homem de boné cinzento & outras histórias**. São Paulo: Ática, 1990.
- SCHWARTZ, Jorge. **Literatura comentada: Murilo Rubião**. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- TASHLIN, Frank. **Era urso?** Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- VERÍSSIMO, Érico. **As aventuras de Tibicuera: que são também as do Brasil**. 21. ed. Porto Alegre: Globo, 1980.

## BIBLIOGRAFIA



- ALMEIDA, Fernanda Lopes de Almeida; LINARES, Alcy. **A curiosidade premiada**. São Paulo: Ática, 1985.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Carlos Drummond de Andrade**: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1973.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp, 1987.
- CANCLINI, Nestor García. **A socialização da arte** – teoria e prática na América Latina. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CANCLINI, Nestor García. **Las culturas populares en el Capitalismo**. México: Editorial Nueva Imagem, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. **O nacional e o popular na cultura brasileira**: Seminários. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MACHADO, Ana Maria Machado. De pergunta em pergunta. MACHADO, Ana Maria Machado. **Gente, bicho, planta**: o mundo me encanta. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação (Org.). **Teatro e dança**: repertórios para a educação. São Paulo: Secretaria da Educação, 2010. 3 v.
- THOMPSON, Paulo. **A voz do passado**: História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.